



A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia

The person as subject of experience:
Contributions of phenomenology

Miguel Mahfoud

Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Massimi

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

Evidenciam-se contribuições da Fenomenologia à discussão sobre o conceito de experiência na Psicologia contemporânea. Negação da experiência enquanto categoria gnosiológica leva a fragmentação do vivido, redução a representação ou a reações, negação do sujeito. Husserl aponta as raízes: objetivação do sujeito questiona fundamentos da cultura ocidental. Duas posições decisivas na formulação daquele conceito e constituição da Psicologia: (1) experiência subentende juízo; (2) experiência como sensação. Esta fundamenta a Psicologia moderna. Tal redução do conceito leva à crise da Psicologia científica: a inviabiliza como ciência da pessoa. A Fenomenologia (Husserl e Stein) re-propõe a centralidade da experiência distinguindo vivência de experiência; síntese passiva de síntese ativa; a atitude própria das Ciências Naturais daquela das Ciências do Espírito. Experiência tem como centro a pessoa: eu-no-mundo; agente por ter experiência determinada e ordenada do mundo, podendo habitá-lo; tem experiência privilegiada do corpo próprio.

Palavras-chave: experiência; pessoa; fenomenologia e psicologia

Abstract

It's evident the contributions of Phenomenology to discussions about the concept of experience in contemporary Psychology. The denial of experience as gnosiological category results in the fragmentation of lived experience, reducing it to representation or reactions, denying the subject. Husserl points towards the roots: the objectivation of the subject questions the fundamentals of Western culture. Two decisive positions in the formulation of that concept and constitution of Psychology: (1) experience supposes judgment; (2) experience as sensation. This is the fundament of modern Psychology. Such reduction of the concept causes the crisis of scientific Psychology, turning it inadequate as a science of the person. Phenomenology (Husserl and Stein) re-proposes the centrality of experience distinguishing lived experience; passive from active synthesis; the attitude proper of the Natural Sciences from that one of the Sciences of the Spirit. Experience has the person as its center: I-in-the-world; agent due to its specific and ordered experience of the world, so that it can inhabit in it; and has the privileged experience of its own body.

Keywords: experience; person; phenomenology and psychology

O presente trabalho visa discutir o conceito de experiência, com especial ênfase em seu lugar na Psicologia, na perspectiva oferecida pela Fenomenologia de E. Husserl e E. Stein.

Assiste-se, no atual contexto cultural, à negação da experiência enquanto categoria gnosiológica com conseqüências particularmente importantes no campo da Psicologia. Encontramos, freqüentemente, diversas reduções a respeito do que seria experiência, que terminam por negá-la: a fragmentação do vivido, redução a representação ou a reações, negação do sujeito da experiência.



Na ciência psicológica estas reduções determinam a delimitação de seus objetos e métodos: redução do psiquismo a mera passividade ao eliminar a dimensão da consciência; redução da experiência a um provar concebido analogamente a experimentação de laboratório; ênfase na experiência imediata que dispensa, em sua formulação, a função ativa do sujeito.

Consideramos aqui análises de Husserl sobre experiência, em que propõe um horizonte complexo capaz de superar aquelas reduções, chegando – com E. Stein – a conceber uma psicologia enquanto ciência da pessoa.

1. A objetivação do sujeito humano e o falso paralelismo experiência externa - experiência interna

A análise de Husserl sobre a história da filosofia moderna realizada no volume *A Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental* (1935/2002) aponta a objetivação do sujeito humano como raiz da crise que atinge a racionalidade ocidental.

Para adequadamente apreender essa objetivação do sujeito, Husserl remonta à história da filosofia desde Galileu – definindo-o “gênio que descobre e ao mesmo tempo oculta” (p. 81) – e à sua interpretação matematizante da natureza que permitiu o avanço da ciência moderna mas, ao mesmo tempo, veio a esconder sua raiz, isto é, o mundo-da-vida (1). Da concepção galileiana derivou-se também uma conseqüência nefasta para o estudo da subjetividade, cujo ponto de partida passa a ser a doutrina da pura subjetividade das qualidades sensíveis – retomada por Hobbes como doutrina da subjetividade de todos os fenômenos. Os fenômenos existiriam apenas nos sujeitos; a única objetividade seria a da matemática. A natureza seria, em sua essência, matemática.

Se o mundo intuitivo da vida é tomado como puramente subjetivo, eis que todas as verdades da vida pré-científica e extra-científica vêm a perder valor. O percurso filosófico derivado desta posição desemboca em Descartes e sua dúvida metódica. Pois na busca de um fundamento absoluto do conhecimento filosófico, Descartes chegara a colocar em questão a validade da experiência sensível, que tradicionalmente era considerada o grau inferior de todo conhecimento objetivo, e correlativamente perde-se a conexão entre a ciência e o mundo-da-vida, ou seja “aquele mundo que nesta experiência e em virtude desta experiência tem para nós sentido e ser como indiscutível certeza” (p. 104). Desse modo, são negadas todas as formações de significado e de valoração que se fundam na experiência.

A dúvida cartesiana nega a experiência humana enquanto experiência sensível e encarnada no corpo. A única evidência apodítica para Descartes é o *eu*, mas o eu enquanto *cogito*, ou seja o eu concebido segundo uma distinção rigorosa entre experiência sensível e pensamento matemático. O *eu* do mundo-da-vida, o *eu* encarnado no próprio corpo é assim eliminado, dicotomizando subjetividade e corporeidade. Desse modo, se por um lado Descartes estabelece a fundação subjetiva da Filosofia, por outro acaba por fundar a *mens* na psicologia naturalista e, portanto, o objetivismo.

Para Husserl, desta falsa dicotomia corpo-alma deriva o falso paralelismo entre experiência interna e experiência externa. Pois

a experiência que verdadeiramente leva o mundo-da-vida à datidade, por ser uma experiência que - especialmente no modo originário da percepção - apresenta as coisas meramente corpóreas não foi chamada de experiência psicológica, mas, pelo contrário, em contraposição a ela, foi definida como experiência externa (p. 242).

Desse modo, eliminou-se inclusive a evidência da “subjetividade” em tudo o que é próprio do mundo-da-vida e desconsiderou-se o fato de que, tudo o que é subjetivo, refere-se a uma totalidade sem cisões.

Cindidas, experiência interna e a experiência externa tornaram-se conceitos obscuros e, em ambos os casos,



as experiências foram pensadas como se fossem constituídas por meio de uma função teórica: a ciência da natureza passou a fundamentar-se na experiência externa, e a psicologia, na experiência interna: na primeira temos a natureza física, na segunda o ser psíquico, o ser da alma. Portanto, "experiência psicológica" tornou-se uma expressão equivalente a "experiência interna" (p. 242).

Nesse sentido, Husserl critica inclusive o conceito de percepção interna de Brentano como expressão destas abstrações: "A ingenuidade de considerar estes dados da experiência psicológica iguais aos da experiência corporal, leva a sua coisificação" (p. 252).

Chegou-se assim, na história da psicologia moderna, a "conceber o dado interno como um átomo psíquico ou como um conjunto de átomos", as "faculdades psíquicas ou disposições psíquicas, análogas às forças físicas" (p. 252), tomando como paralelos também os objetivos das duas ciências.

Rompida a unidade da experiência, a adesão a ela tornou-se uma suposição ilusória.

2. Naturalismo e experiência psíquica

Segundo Husserl, a naturalização da experiência elimina seu sujeito; ao passo que podemos atingir a experiência somente a partir da apreensão do sujeito que continuamente a constitui.

Em *Fenomenologia e Teoria do Conhecimento* (1987/2000), Husserl coloca uma "nota terminológica" (p. 159) acerca do termo experiência. Afirma que, na linguagem comum, utilizamos o termo para indicar toda intuição individual dada de forma original e todas as intuições paralelas presentificadas. Todavia, pelo predomínio da atitude naturalista a linguagem comum acabou por identificar experiência com experiência natural, sendo que toda a experiência das vivências e do sujeito da consciência acabou por ser identificada com a experiência psicológica naturalista da consciência. Portanto, se queremos utilizar o termo experiência sem encobrir seu sujeito constituinte, devemos contrapor a experiência natural à transcendental (2). A tal ponto que ao tratarmos da primeira, em atitude de interesse exclusivamente teórico, Husserl propõe (cf. p.130) que utilizemos a expressão "experiência psicológica"; mas quando apreendemos o *eu* – o ser humano localizado no espaço e que diante das coisas vive a percepção externa delas através da percepção interna da "auto-experiência" –, propõe o termo "experiência psíquica". Nessa experiência apreendemos um sujeito espiritual ligado a uma corporeidade natural: o sujeito pessoal, no sentido lato (3).

Portanto, Husserl passa a definir a psicologia como

a ciência da "psique", não apenas de nome mas também de fato, ou seja a ciência daquele sujeito, espiritual ou pessoal, o qual no sentido lógico é o sujeito ou substrato das múltiplas qualidades psíquicas naturais, inferiores e superiores, que adquirem o nome de faculdades, disposições, caracteres espirituais etc... Estas qualidades das realidades psíquicas tornam-se conhecidas através da vida consciente atual das psiques, ou seja através das múltiplas vivências da consciência relacionadas às suas condições naturais. Apreendidas nestes termos pela reflexão (ou experienciadas psicologicamente), elas têm a forma lógica de estados naturais do sujeito natural correspondente ou, se quisermos, da psique (p. 131).

O grande tema da "psicologia como doutrina da experiência" (p.131) é, para Husserl, o campo da consciência empírica tomado não de modo naturalista, mas através da



apercepção das condições psíquicas e das correlações entre sujeito psíquico e qualidades psíquicas naturais (disposições, caráter etc.).

A psicologia se ocupa, então, de uma parte da experiência natural, assim como a física se ocupa de outra sua parte. "Quem realiza uma investigação nestas disciplinas se ocupa de experiências naturais que cabem à sua parte de natureza, mas referidas à natureza inteira, como horizonte mais amplo" (p.133).

A psicologia poderia ainda se ocupar de um outro tipo de experiência: a experiência possível em geral, "um imaginar experimentar, e num certo sentido, viver a experiência sem que essa se experimente na realidade" (p.145),

um livre plasmar objetualidades, às quais, mantendo sua identidade, constituem-se através de quase-experiências que se conectem umas com as outras, quase-determinando mais precisamente seus objetos. (...) Desse modo, a experiência possível constitui-se num terreno de ser, o das possibilidades de uma natureza (p.151).

Este é o objeto da psicologia eidética, concebida como psicologia racional ou doutrina eidética do psíquico, podendo-se assim, "percorrer sistematicamente as possibilidades livres e determinar conceitualmente o estilo necessário, a regra e a lei" (p.151).

Assim a psicologia teria condições de se ocupar de uma teoria psicológica do conhecimento (entendida como atividades das funções psíquicas) mas não substituiria a teoria do conhecimento no sentido filosófico e transcendental. Uma tal substituição levaria - e de fato levou - à afirmação da impossibilidade do conhecimento, à sustentação de "motivos céticos de ordem gnoseológica, produzindo confusões" (p.133).

3. Experiência como atividade do *eu*

Em *Experiência e juízo* (1948/1995), Husserl afirma que o "retorno necessário às evidências máximas originárias da experiência não pode ser obtido por meio da psicologia" (p. 42). Esta apenas poderia reconduzir a tipologia das formas lógicas do conhecimento às relativas operações subjetivas, concebidas como fenômenos naturais já dados e determináveis cientificamente.

Naquele texto ele se ocupa especificamente da categoria experiência do ponto de vista da teoria do conhecimento (4). Define experiência como "a evidência objetiva dos objetos individuais" (p. 47) caracterizados pela "datidade evidente", no nível antepredicativo, ou seja, anterior ao juízo.

Para documentar a presença do *eu* na elaboração da experiência que permite chegar ao conhecimento e à formulação de um juízo, Husserl parte do mundo-da-vida:

Se quisermos chegar à experiência entendida no sentido último e originário que estamos procurando, esta não pode deixar de ser a experiência originária que se dá no mundo-da-vida, a qual ainda nada sabe a respeito das idealizações embora seja seu fundamento necessário. Com esta volta ao originário mundo-da-vida não se aceita simplesmente o mundo de nossa experiência no modo em que nos é dado, mas procura-se a historicidade que nele está depositada. (p.41).

O retorno à origem do mundo-da-vida (5) significa voltar ao fator subjetivo por cuja ação intencional o mundo assumiu sua forma atual. Trata-se portanto de uma volta à subjetividade, mas "no sentido mais radical do que a subjetividade da psicologia" (p. 44): a subjetividade transcendental. Por transcendental deve-se entender a volta às fontes últimas das formações cognitivas pelas quais o sujeito do conhecimento reflete acerca de si mesmo e da própria vida cognitiva.

O mundo-da-vida não é apenas um mundo de produções lógicas, mas também "mundo da experiência no sentido mais concreto e cotidiano do termo" (p. 47), refere-se a um conjunto de realidades habituais que proporciona segurança à decisão e à ação, ou seja a segurança daquilo que já "foi experimentado", nas situações da vida (6) - "sejam estas



determinadas e delimitadas, ou tomadas em geral como atitudes diante da vida em seu conjunto" (p. 47).

O campo onde nossas experiências se dão é propriamente o mundo-da-vida e as experiências mais básicas desse mundo tornam-se substrato para elaboração de toda ordem de experiência.

No mundo da nossa experiência a natureza é o substrato inferior que fundamenta todos os outros; o existente nas suas feições simplesmente apreensíveis como natureza, é aquilo que está como fundamento e substrato para todos os outros modos de experiência; a este aplica-se a nossa atividade valorativa e prática e permanece invariável no fundo de todas as valorações mutáveis e relativas acerca da sua possibilidade de ser utilizado para determinados objetivos, para que com o material dado pela natureza se constitua, caso por caso, algo diverso. (...) Como essa experiência é originalmente dativa, a chamamos de percepção, aliás percepção externa (p.49).

Trata-se, então de incluir na noção de experiência "também os específicos atos do experimentar pelo qual conseguem-se estas dimensões habituais" (p.47), examinado a subjetividade transcendental.

Realizando a análise das vivências, Husserl identifica um nível de contato com o mundo caracterizado pela passividade do sujeito que sofre impacto da presença do mundo e outro nível em que o sujeito elabora tal impacto ao voltar-se para a presença buscando apreendê-la em suas características, em seu significado e seu valor e apreender a vivência de seu próprio *eu* nesse processo.

O primeiro nível, o da "predatidade passiva" é uma passividade originária de dados sensíveis: por exemplo, o campo sensorial da visão como unidade articulada de dados sensíveis (cores) antes mesmo de serem apreendidos como objeto (cores de coisas concretas).

Quanto ao segundo nível, "já o perceber é uma operação ativa do *eu*" (p. 65), não é apenas um elemento passivo da consciência mas é fruto de sínteses dotadas de força afetiva. Inicialmente os elementos do campo perceptivo se impõem ao *eu*: o estímulo do objeto intencional, dirigindo-se para o *eu*, o atrai com força maior ou menor, de modo que o eu cede. Esta receptividade do *eu* ante o objeto, na verdade, é o grau mais baixo de sua atividade, pois o *eu* permite que o objeto entre e o apreende. Tanto maior é a força afetiva do objeto, tanto mais forte é a tendência do *eu* a dar-se ao objeto. Assim o *eu* se volta para o objeto, iniciando uma nova tendência (eu – objeto). Desta desenvolve-se o pensamento, ou *cogito*, que é uma tendência ao objeto que parte do *eu*.

Segundo Husserl, o "conceito normal de experiência (percepção, recordação etc...) indica a experiência ativa que depois se desenvolve como experiência explicativa" (p. 72).

Na mesma perspectiva, Husserl amplia a concepção de atenção como "algo que pertence à estrutura essencial de todo específico ato do *eu*, (...) ou seja, o tender do *eu* na direção do objeto intencional" (p. 73). Mais precisamente, trata-se de um "tender à unidade que aparece ininterruptamente através das variações dos modos de datidade" (p.73) em que um objeto se apresenta.

Numa unidade entre atenção e percepção, "o início do ato perceptivo acontece quando o *eu* se volta para o objeto; e realmente desde já é dar-se conta de estar junto do objeto" (p.74). Este início possui um horizonte intencional, "mirando para além de si num horizonte vazio que somente as realizações sucessivas tornarão intuitivo" (p. 75). Assim, a atenção se constitui em ato intencional que leva à exigência de apreensão do objeto em diversas miradas, sempre dependendo do ato do *eu* de ocupar-se da percepção do objeto e constituição de sua unidade. Note-se que esse horizonte de totalidade do objeto é, para o sujeito, intuitivo. E cabe a ele decidir-se pela continuidade de apreensão do objeto a partir de sua complexidade e totalidade intuídas.



Por exemplo: a visão de um objeto remete ao lado posterior fora da alçada da vista, de modo que a tendência em direção ao objeto destina-se também a alcançar este lado inicialmente oculto. Deste modo, a tendência desdobra-se na direção de um *fazer do eu*, visando a produção de sempre novas modalidades de aparição do objeto (as imagens que fazemos deste). Passamos assim de uma imagem para outra. Trata-se de passagens livres que levam a constituir uma imagem após outra, por deslocamentos e movimentos do corpo, os quais proporcionam diferentes miradas, sendo processos subjetivos ativos diante do objeto dado e imóvel à minha frente. (7)

Na tendência que caracteriza a percepção está inerente também um sentimento positivo e por isto podemos falar propriamente em interesse. Um sentimento de satisfação devido ao enriquecimento do conhecimento do objeto gera a tendência a aproximar-se cada vez mais deste, podendo também assumir a conotação de vontade de conhecê-lo, com a proposição de objetivos e intenções. Neste caso, nos ocupamos de algo de modo *temático*.

Somente este voltar-se do *eu* ao objeto na forma do "eu percebo" torna-o um objeto-meu, um objeto de minha observação; e torna o mesmo ato de observar, uma observação-minha do mundo-objeto através das imagens. "O *eu* vive no *cogito* – o que dá a cada conteúdo do *cogito* uma relação específica com o *eu*" (p.77).

4. Experiência na psicologia como ciência da pessoa

Ao realizar uma análise da história da psicologia moderna, Husserl, em *Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental* (1954/2002), observa que a psicologia fracassa por não realizar a "indagação acerca da subjetividade concreta e plena (...), a reflexão radical e livre de preconceitos, que abriria necessariamente à dimensão transcendental subjetiva" (p.235).

Husserl define em pormenores a atitude indagadora que seria necessária para constituição de uma psicologia científica: interrogar originariamente o *quê* e o *como* da psique das pessoas,

o seu modo de ser no mundo, no mundo-da-vida, o modo em que ela anima os corpos próprios, os modos pelos quais elas se localizam na espaço-temporalidade, o modo em que cada uma vive psiquicamente enquanto tem consciência do mundo em que vive e no qual é consciente de viver; o modo em que cada uma experimenta o "seu" corpo não apenas como corpo singular mas também como corpo próprio (sistema dos órgãos que ela movimenta em seu agir), o modo em que ela intervém no mundo circunstante do qual é consciente etc. (p. 235).

Sem uma "análise radical e realmente livre de pressupostos, é impossível apreender o que é *propriamente essencial*" (p.236) da psique de uma pessoa, do elemento psíquico do mundo-da-vida, sendo portanto impossível apreender o substrato último e autêntico de uma ciência da pessoa.

Ao invés, adotado um conceito de psique fundamentado no dualismo cartesiano, a psicologia concebeu o seu tema próprio – a psique e a pessoa – como algo real no mesmo sentido da natureza corpórea, formulando-se nos termos de uma ciência natural (8).

O caráter de cientificidade, no entanto, não foi garantido pela adotada empiria metódica rigorosamente psico-fisicalista. Não partindo de uma concepção originária de psique, tomou-se uma abstração como objeto natural.

Esta gênese histórica da psicologia moderna impediu a criação de uma psicologia como ciência da psique, originando contínuas crises da psicologia científica.

A atitude temática naturalista considera o homem como extensão, como ampliação da natureza determinável no tempo e no espaço. Já a atitude pessoal é definida como o direcionamento do interesse para os homens enquanto pessoas em suas ações e paixões, sempre voltadas para o mundo, sempre em sua comunidade de vida, em relacionamento,



pertencentes a um único mundo circunstante do qual têm consciência. Assim caberia à psicologia lidar com o "problema de como as pessoas se comportam em seu agir e padecer, de como elas são motivadas em suas ações pessoais do perceber, do recordar, do pensar, do avaliar, do planejar, do amedrontar-se, do defender-se, do atacar etc." (p. 312).

A ciência da subjetividade humana toma em análise a pessoa que se dá conta do mundo que se lhe apresenta e lhe fornece motivações, assim como examina o mundo-da-vida apreendido pela pessoa e por ela é valorado. Desse modo, compreende todo o mundo espiritual, tematiza todas as pessoas e seus gêneros, todas as operações pessoais em suas formações culturais. A ciência da pessoa aborda um *eu* no mundo circunstante e por isso no mundo, por ter consciência dele" (p. 318), podendo agir por ter uma experiência bem determinada e ordenada do mundo, podendo habitá-lo.

Diversamente das ciências naturais – para quem o espírito é algo que se soma ao corpo – a ciência da pessoa volta-se ao ser pessoal que tem o corpo-próprio como objeto privilegiado de seu mundo-da-vida.

Edith Stein, em *A estrutura da pessoa humana* (1994/2000) indica um delineamento para uma psicologia enquanto ciência da pessoa:

Se o conhecimento é a compreensão espiritual de um ente, devemos, então, dizer que conhecemos a característica peculiar de um ser humano; ela nos fala através de múltiplas formas de expressão, nas quais a "interioridade" se "mostra" e nós compreendemos essa linguagem (p.58).

Os sinais de expressão da interioridade localizáveis no mundo-da-vida e nos objetos culturais possibilitam que outros acessem a individualidade em questão. Para o conhecimento da pessoa é necessário reconhecer tais traços expressivos e reconduzi-los às suas expressões originais. Descrição e interpretação (refletir sobre expressões pessoais) formam uma "escola da compreensão" que leva à familiaridade com os seres humanos e à introdução à especificidade individual (9).

Penetrando na realidade concreta individual e investigando as relações psíquicas para compreendê-las, até às profundidades últimas alcançáveis pelo olhar humano, chega-se ao ponto em que essas não são mais compreensíveis por si mesmas, nem a partir da relação com o mundo circunstante, ficando evidente a ação de forças espirituais (p.59).

Também estas – as forças espirituais – são âmbito da *autêntica* psicologia científica, não se tratando de apenas descrever a individualidade humana, mas de elaborar um conhecimento do ser humano enquanto tal, como genuíno princípio de uma ciência.

A humanidade concreta, assim como se apresenta na realidade da vida (...) tem um *logos*, uma lei constitutiva ou uma estrutura de ser universalmente compreensível que pode ser evidenciada a partir do que é dado concretamente. (...) Partindo da realidade da vida concreta e das formas históricas, esse conhecimento afirma o ser humano como *espírito*, e aquilo que lhe é essencial enquanto pessoa espiritual (p.60).

A pessoa experimenta a existência e a humanidade nos outros mas também em si mesma. Em tudo o que experiência, faz também experiência de si mesma. Esta experiência é totalmente diferenciada da experiência que faz de tudo mais. "A percepção exterior do próprio corpo não é a ponte para a experiência do próprio eu" (p.69). Com a percepção da interioridade apreendo o corpo vivo e meu próprio *eu* nele, "o que implica que eu seja consciente do meu eu e não apenas consciente de meu corpo vivo, mas consciente de todo meu eu corpóreo-animado-espiritual" (p.69-70).



Conclusão

Husserl e Stein documentam que na experiência encontramos realidades mistas:

a vida espiritual se apresenta como processo psíquico; tudo o que é psíquico nos aparece ligado com o ser material; as formações espirituais objetivas, por sua vez, nos aparecem como fundamentadas no ser da natureza. Por outro lado, todo ser natural pode se tornar portador de um sentido espiritual. Por isso não nos maravilhemos se nas ciências empíricas – orientadas para os objetos da experiência – se entrelaçam métodos diversos a serem diferenciados. (Stein, 1922/1999)

O reconhecimento da complexidade própria do ser humano – entendida fenomenologicamente como realidade mista que exige diversas modalidades de abordagem – permite a superação dos reducionismos tão freqüentes na psicologia contemporânea.

Por um lado, pode-se superar a redução naturalista que toma em consideração somente processos mecânicos – neuro-fisiológicos, comportamentais ou psicológicos – abolindo o sujeito da experiência.

Por outro lado, temos condições de criticar a redução da experiência a puro processo simbólico concebido desvinculado de um sujeito pessoal. Encobrindo a ação do *eu*, tal postura cultural impossibilita reconhecer o fundamento do sistema simbólico no mundo-da-vida, a relação do mundo com a pessoa e a percepção do próprio *eu* por parte dos sujeitos humanos concretos. Chega-se assim a negar a possibilidade mesma do conhecimento de si e do mundo. Paradoxalmente, o sujeito humano figurado como fonte última e abstrata do significado e do ser é contemporaneamente afirmado como incapaz de apreender a si mesmo e ao mundo como existente além de si mesmo. Esvaziado de sua essência, o sujeito mergulha no niilismo e no ceticismo.

É por este motivo que a experiência mesma passa a ser abandonada e substituída por fragmentos de reações mecânicas ou por meras representações simbólicas.

Referências

- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: Psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Eds. e Trans.). Bauru: Edusc..
- Husserl, E. (1995). *Esperienza e giudizio: Ricerche sulla genealogia della logica* (L. Landgrebe, Ed.; F. Costa & L. Samonà, Trans.). Milano: Bompiani. (Original publicado em 1948)
- Husserl, E. (2000). *Fenomenologia e teoria della conoscenza* (P. Volonté, Trad.). Milano: Bompiani. (Original publicado em 1987)
- Husserl, E. (2002). *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale: Per un sapere umanistico* (E. Paci, Pref.; E. Filippini, Trad.). Milano: Net Tascabili. (Original de 1935 e publicado em 1954)
- Husserl, E. (2003). *Fenomenologia e psicologia* (A. Donise, Ed. e Trad.). Napoli: Filema. (Original de 1917, publicado em 1987).
- Stein, E. (1999). *Psicologia e scienze dello spirito: Contributi per una fondazione filosofica* (2a ed.; A. Ales Bello, Apresent.; A. M. Pezzella, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1922)



Stein, E. (2000). *La struttura della persona umana* (A. Ales Bello, Present.; M. D' Ambra, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original de 1932-33, publicado em 1994)

Notas

(1) Para Husserl, isto é um "contra-senso, pois é contrário à essência própria dos corpos e das almas que se dá na experiência do mundo-da-vida e que determina o sentido autêntico de todos os conceitos científicos. É a experiência real, anterior às versões teóricas, que determina originariamente o sentido do que é dado física e psicicamente no mundo-da-vida e posteriormente se torna objeto das ciências exatas" (Idem, p. 236). Pois, "o que é experimentado realmente, é o mundo que simplesmente é, antes de qualquer filosofia e teoria, as coisas que são, as pedras, os animais, os homens. Tudo isto é experimentado na simples vida: o mundo está aqui sendo, ou simplesmente já foi etc." (Idem, p. 242).

(2) De fato, "o significado da expressão dimensão transcendental é o de estrutura do sujeito humano na sua universalidade" (Ales Bello, 2004, p. 95).

(3) Em *Fenomenologia e Psicologia* Husserl já apontara que "um *ego cogito*, com o qual ele [Descartes] conclui demasiadamente rápido, subentende *ego mens sive animus sive intellectus*, a personalidade empírica, o sujeito das qualidades caracteriais, das disposições. Ele não submeteu a alma, o espírito no sentido natural à redução metódica, e assim fica compreensível que Locke e o psicologismo empírico sucessivo, até o presente, interpretem a evidência do *cogito*, ou, como melhor deveria se chamar, a evidência da reflexão sobre o *cogito*, como evidência da experiência psicológica de si" (p. 80). Mas realizando a redução fenomenológica radical "o resíduo não é um nada, mas a plena experiência vivida" (Husserl, 2003, p.82).

(4) Cf. p. 42 e p. 69.

(5) Este retorno deve acontecer em dois níveis: 1) do mundo já dado ao mundo-da-vida originário; e 2) volta problematizante do mundo-da-vida às operações subjetivas das quais este se origina. O mundo-da-vida, com efeito, é uma formação que pode ser estudada a partir de seu modo de constituição. Para isto cooperam não apenas as operações lógicas, mas também "as experiências práticas e sentimentais, a experiência do querer, do avaliar e do agir na vida prática" (p. 45) incluindo os horizontes inerentes a elas, bem como "todas as operações da experiência pelas quais se alcança a constituição do tempo e do espaço do mundo etc." (p. 45).

(6) "Este sentido concreto cotidiano e familiar da experiência indica, portanto, o comportamento da ação prática e da avaliação mais do que o comportamento de julgar e conhecer" (Husserl, 1948/1995, p. 47).

(7) No apêndice II , parágrafo 9, de *A Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*, Husserl (1954/2002) afirma que na vida da experiência pré-científica, estamos mergulhados no rio dos dados sensíveis sendo que na evidência ingênua da experiência temos a certeza de conhecer algo como idêntico a si mesmo, vendo-o, tocando-o, apalpando-o, escutando-o e confirmamos esta sua presença como objetiva e real pela reprodução da experiência. Mas este conhecimento é sempre aproximado e portanto seu horizonte está sempre aberto ao desconhecido. O que implica a constante possibilidade da retificação, especialmente a partir de nossa experiência acunhada a de outros homens.

(8) "O errôneo princípio de querer considerar os homens (...) como realidades duplas, como união de duas realidades de gêneros diferentes e mesmo assim iguais em seu sentido, e portanto de considerá-los (...) numa dimensão causal natural, como os corpos



espaço-temporais, suscitou a presumida obviedade de um método definível em termos análogos àqueles das ciências naturais". (Husserl, 1954/2002, p. 241).

(9) Em *Psicologia e ciências do espírito*, Stein (1922/1999) define a *psique* como "o conjunto das características peculiares que diferenciam singularmente" homens e animais (p. 42) e define o *espírito* como "um emergir de si mesmos, uma abertura numa dúplici direção: ao mundo objetivo que é experimentado e à subjetividade alheia junto à qual experienciamos e vivemos" (p. 311). A *pessoa* "é o sujeito da vida espiritual, centro de ações qualitativamente determinado em modo único em seu gênero" (p. 323).

Notas sobre autores

Miguel Mahfoud é Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, professor associado do Departamento de Psicologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Brasil. Suas pesquisas referem-se às áreas de memória, cultura e subjetividade.

Contato: mmahfoud@fafich.ufmg.br

Marina Massimi é Doutora em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo, professora titular junto ao Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto; especialista em história da psicologia e dos saberes psicológicos.

Contato: mmassimi3@yahoo.com.

Data de recebimento: 16/12/2007

Data de aceite: 13/10/2008